
**Uma Análise SWOT dos Desafios da Educação nos Países da África
Subsaariana Ante a COVID-19**

*A SWOT Analysis of Education Challenges in Sub-Saharan African Countries in the Face of
the COVID-19 Pandemic*

*Un Análisis SWOT de los Desafíos Educativos en los Países del África Subsaariana Frente a
la Pandemia de COVID-19*

Gercelina Maria Pereira Jacinto¹

Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola
gercelina1@hotmail.com

Pascoal Micoló Diogo de Campos²

Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação, Angola
micolo.campos@gmail.com

Paulo Adão de Campos³

Faculdade de Medicina da Universidade Agostinho Neto, Angola
paulocampos44@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objectivo analisar os desafios impostos aos países da África Subsaariana pela pandemia da COVID-19. Realizou-se uma pesquisa exploratória, com recurso à matriz SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*), ressaltando as fraquezas, fortalezas, ameaças e oportunidades, no contexto dos países em desenvolvimento como Angola. Concluiu-se que os países da África Subsaariana, por terem lidado, nos últimos tempos, com diversas epidemias, como a cólera, o Marburg e outras, podem ter adquirido uma experiência que lhes permite dar uma resposta diferenciada ao combate à COVID-19, sendo, portanto, maior problema, a manutenção das medidas e sua sustentabilidade a médio e longo prazo. De igual modo, os problemas preexistentes, tais como: o analfabetismo, a pobreza, a falta de água potável, a habitabilidade precária e o saneamento básico inadequado precisam de ser resolvidos, uma vez que podem comprometer as medidas preconizadas para a contenção da pandemia.

Palavras-chave: COVID-19, Educação, Análise SWOT

Abstract

This article aims to carry out an analysis of the challenges imposed on the countries of Sub-Saharan Africa by the pandemic. An exploratory research was carried out, using the SWOT

¹Mestre em Supervisão Pedagógica. Assistente. Departamento das Ciências da Educação.

²Licenciado. Engenheiro Geológico e Ambiental. Estagiário de Investigação. Centro Tecnológico Nacional.

³Doutor em Ginecologia e Obstetrícia. Mestre em Educação Médica. Professor Catedrático. Chefe de Departamento de Ginecologia e Obstetrícia. Maternidade Lucrecia Paím, Luanda.

matrix, highlighting the Weaknesses, Strengths, Threats and Opportunities, in the context of developing countries like Angola. It was concluded that the sub-Saharan African countries, having dealt, in recent times, with several epidemics, such as Cholera, Marburg and others, may have gained an experience that allows them to give a differentiated response to the fight against COVID-19, being therefore, the biggest problem is the maintenance of measures and their sustainability in the medium and long term. In the same way, pre-existing problems, such as: illiteracy, poverty, lack of drinking water, precarious housing and inadequate basic sanitation, need to be addressed, since they can compromise the measures recommended to contain the pandemic.

Key words: COVID-19, Education, SWOT analysis

Resumen

Este artículo tiene como objetivo llevar a cabo un análisis de los desafíos impuestos por la pandemia a los países del África subsahariana. Se llevó a cabo una investigación exploratoria, utilizando la matriz SWOT, destacando las Debilidades, Fortalezas, Amenazas y Oportunidades, en el contexto de países en desarrollo como Angola. Se concluyó que los países de África Subsahariana, habiendo lidiado, en los últimos tiempos, con varias epidemias, como el Cólera, Marburgo y otros, pueden haber adquirido una experiencia que les permita dar una respuesta diferenciada a la lucha contra COVID-19, siendo Por lo tanto, el mayor problema, el mantenimiento de medidas y su sostenibilidad a medio y largo plazo. Asimismo, los problemas preexistentes, tales como: analfabetismo, pobreza, falta de agua potable, viviendas precarias y saneamiento básico inadecuado, deben resolverse, ya que pueden comprometer las medidas recomendadas para contener la pandemia.

Palabras clave: COVID-19, Educación, Análisis SWOT

INTRODUÇÃO

A infecção pelo novo coronavírus SARS-CoV-2 (COVID-19) é actualmente uma emergência de Saúde Pública, que foi declarada como pandemia internacional pela Organização Mundial da Saúde, no dia 11 de Março de 2020. O seu director-geral, Dr. Tedros Ghebreyesus, justificou a decisão, pelo receio de que o vírus se possa espalhar para os países, cujos sistemas de saúde sejam de maior debilidade (Kapata, Ihekweazu, Ntoumi, Raji, Chanda-Kapata, Mwaba, Zumla, 2020). Desde o primeiro caso de pneumonia COVID-19 em Wuhan, província de Hubei, China, em Dezembro de 2019, com um número alarmante de casos, a infecção alastrou-se para os restantes países do Mundo. Neste contexto, a *Johns Hopkins University* tem uma aplicação, que informa em tempo real os casos globais da COVID-19 (Center for Systems Science and Engineering, 2020). Assim, de acordo com Kapata *et al.* (2020), a África é responsável por uma fracção

dos casos globais da doença. Embora os números sejam relativamente pequenos, têm tendência a crescer rapidamente, tendo sido tomadas medidas apropriadas tendentes a conter a expansão da doença (WHO, 2020a).

Angola tem apresentado casos positivos da COVID-19, considerados importados, alertando desde já que é importante a planificação do rastreio do vírus na comunidade, especialmente nas pessoas suspeitas e/ou os seus contactos, com o objectivo de melhor controlar a doença (Bernard Stoecklin, Rolland, Silue, Mailles, Campese, Simondon, 2020).

É consensual entre os pesquisadores que a transmissão da COVID-19 é feita de pessoa a pessoa, por gotículas e aerossóis respiratórios, após o contacto próximo com uma pessoa infectada a menos de 2 metros ou o contacto directo com superfícies contaminadas. A contagiosidade da doença é alta, exigindo precaução redobrada por parte dos prestadores dos cuidados de saúde, professores e estudantes, bem como da comunidade em geral (Casella, Rajnik, Cuomo, Dulebohn & Di Napoli, 2020).

Neste contexto, as evidências de que a pandemia pode evoluir para uma situação de calamidade pública levaram a que se decretasse o Estado de Emergência Nacional em Angola, nos termos do Decreto Presidencial da República n.º 81/20 de 25 de Março e mais tarde prorrogado pelo Decreto n.º 46 de 9 de Abril de 2020 por mais um período de 15 dias. Seguidamente, o Decreto Executivo n.º 2/20 de 19 de Março do Gabinete da Ministra do Ensino Superior, Ciência e Tecnologia e Inovação (MESCTI) reforça e recomenda a suspensão de todas as actividades lectivas nas Instituições do Ensino Superior.

No entanto, a maior parte dos pesquisadores é unânime em referir que as medidas da suspensão das aulas e do isolamento social têm implicações a curto e longo prazo sobre os intervenientes directos e indirectos do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com a publicação *online* da *The Lancet*, essa medida acarreta riscos consideráveis, mas também oferece oportunidades que devem ser aproveitadas (The Lancet Child & Adolescent Health, 2020). Os autores desta pesquisa pretendem, de certa maneira, reflectir sobre os aspectos relevantes da complexa problemática e responsabilidade do encerramento das instituições escolares em situações de pandemia como a da COVID-19, nos países de recursos limitados. Angola é um dos países de África onde, a despeito do aumento substancial do uso das redes, a

electricidade cobre apenas 41,9% da população, de acordo com o relatório da World Bank (2020), referindo-se a dados de 2017. Nestas circunstâncias, além dos efeitos psicológicos, sociais e pedagógicos, os estudantes dependem, em grande medida, dos livros e equipamentos electrónicos. Por essa razão, são enormes os desafios a enfrentar para se garantir um processo de ensino-aprendizagem, à distância, com a qualidade desejável. A nossa inquietação prende-se com o facto de que, mesmo em situações não epidémicas, o índice de insucesso escolar do sistema educativo angolano é notório. Nguengwe (2018) atribui esse facto aos factores determinantes, como as más condições de trabalho, a desmotivação por parte dos professores, o ambiente degradado das escolas e o excesso de alunos em cada sala de aula. Assim sendo, o impacto da COVID-19 sobre a população estudantil poderá ser imprevisível.

Panorama conceitual da ferramenta

A análise SWOT é genericamente conhecida como um instrumento de planeamento estratégico, altamente difundido no mundo e que serve para a compreensão e projecção de cenários diversos em empresas, associações não-empresariais, comunidades, países, regiões, entre outros. Tem o mérito de ser uma ferramenta simples e intuitiva e, por esta razão, fácil de utilizar.

Ela também pode ser entendida como “exame dos pontos fortes e fracos de uma organização, suas oportunidades de crescimento e melhoria e as ameaças que o ambiente externo apresenta à sua sobrevivência” (Harrison, 2010, p. 91).

Segundo Sammut-Bonnici e Galea (2014), uma análise SWOT possibilita a compreensão dos pontos fortes e fracos internos e as oportunidades e ameaças externas no ambiente de uma organização, onde os recursos (capacidades, habilidades e competências essenciais e vantagens em relação às outras organizações) são conhecidos por meio da análise interna. A análise externa permite reconhecer as oportunidades e ameaças do meio, ao avaliar os recursos dos concorrentes e o ambiente. Neste tipo de análise, o propósito é utilizar o conhecimento que a própria organização possui sobre si (seus ambientes interno e externo) para formular a sua estratégia.

A simplicidade referida é também sustentada por outros autores, como é o caso de Pickton e Wright (1998), que defendem ser a simplicidade desta ferramenta muito elogiada,

não esquecendo de apontar que o seu valor está essencialmente na atenção dispensada à questões-chave de desenvolvimento e crescimento dos projectos, ou seja, tem o potencial de promover a identificação dos factores mais importantes para o sucesso da estratégia de maior sucesso.

A análise SWOT, além de simples, é também muito popular, vantagem identificada por Weihrich (1982, citado por Brooks, Heffner & Henderson, 2014, p. 25) para quem “a análise SWOT é uma ferramenta conhecida, popular e vantajosa para fornecer informações qualitativas de forma organizada. Weihrich é frequentemente reconhecido como a primeira pessoa a identificar as vantagens do uso dessa ferramenta (Friesner, 2011)”.

A flexibilidade, tal como a simplicidade, é outro aspecto destacado na estrutura SWOT. Tal simplicidade permite que sejam articuladas dimensões e informações diferentes, que ajudam a amplificar os pontos de vista que subsidiarão o plano estratégico, como nos mostram Brooks, Heffner e Henderson (2014, p. 25):

O modelo de estrutura SWOT foi apresentado por muitos como uma maneira clara e directa de representar informações sobre uma empresa de uma perspectiva interna através de pontos fortes e fracos e de uma perspectiva externa através de oportunidades e ameaças (Hill & Westbrook, 1997; Coman & Ronen, 2009). A flexibilidade do SWOT permite que as empresas exibam diferentes combinações de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças (Ghazinoory, Abdi & Azadegan-Mehr, 2011). Essas diferentes combinações fornecem vários pontos de vista e oferecem um ponto de partida para o planeamento estratégico (Helms & Nixon, 2010). Além disso, as informações do SWOT podem identificar factores, que são uma parte importante do processo da tomada de decisão (Yuksel & Dagdeviren, 2007). O SWOT é uma das ferramentas mais usadas para auxiliar uma empresa na definição de estratégias accionáveis (Coman & Ronen, 2009). Não se destina a ser usado como um fim em si, mas como parte de um processo contínuo de desenvolvimento de estratégias (Dyson, 2004).

A análise SWOT é, por isso, altamente intuitiva, fazendo com que seja, as vezes, vista por críticos, com sérias reservas, sendo-lhe apontada, por exemplo a imperfeição da subjectividade, como o fazem Agarwal, Grassl e Pahl (2012). Para esses autores, ela apoia-se em intuições, é subjectiva, não usa quantificação nem possui poder preditivo. Entretanto, esta e outras críticas não invalidam o seu uso, mas apenas obrigam os analistas que recorrem à ferramenta a terem maior cuidado na hora de a utilizar.

Tendo em vista esta mesma preocupação, Sammut-Bonnici e Galea (2014) reconhecem aqueles limites do SWOT e contribuem com algumas recomendações:

O SWOT é mais uma ferramenta descritiva que permite ter uma visão geral do ambiente. Não é uma ferramenta prescritiva que determinaria a natureza do planeamento estratégico. Uma abordagem analítica deve ir além da mera geração de listas sob cada cabeçalho e deve procurar determinar a causa e o efeito decorrentes de cada factor no processo. Vários proponentes fizeram várias recomendações com o objectivo de melhorar a eficácia da ferramenta. Os estudiosos da estratégia sugeriram combinar a análise SWOT ao *Balanced Score Card* e ao *Quality Function Deployment* (QFD) em uma única ferramenta para análise. Apesar de suas limitações, há uma aceitação geral de que o SWOT continua sendo uma ferramenta útil para revisar a posição competitiva de uma empresa. (p. 8).

Admitir os limites da análise SWOT é tão somente uma questão de responsabilidade ética, de modos que os autores deixam saber que a análise feita com recurso a essa ferramenta não é infalível, mas também não é sem importância estratégica. A análise que ora se pretende apresentar assenta no reconhecimento das potencialidades e limites da ferramenta, no caso da realidade sob análise.

Objectivo do estudo

Interessa-nos, neste artigo, reflectir sobre os vários segmentos, que compõem a matriz SWOT, tendo em conta os desafios da educação nos países em desenvolvimento num contexto de pandemia.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa exploratória, utilizando-se como instrumento de análise a matriz SWOT, que é o acrónimo para forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. Por definição, os pontos fortes (S) e os pontos fracos (W) são considerados factores internos sobre os quais se tem alguma medida de controlo. Além disso, por definição, as oportunidades (O) e as ameaças (T) são consideradas factores externos sobre os quais basicamente não se tem controlo. A análise SWOT é a ferramenta mais recomendada para a auditoria e análise da posição estratégica geral da instituição, seja de que carácter for, bem como do ambiente que a envolve. O seu principal objectivo é identificar as estratégias que poderão criar um modelo de controlo específico da instituição que melhor alinhará os recursos e as capacidades de uma organização aos requisitos do ambiente em que a mesma opera. Em outras palavras, é a base para avaliar o potencial e as limitações internas e as prováveis oportunidades e ameaças do ambiente externo. Por isso, procura verificar todos os factores positivos e negativos, que afectam o sucesso dentro e fora da instituição. Deste modo, um estudo consistente sobre o

ambiente em que a instituição opera ajuda a prever as tendências de mudança e a incluí-las também no processo de tomada de decisão da organização.

Essa metodologia é a mais eficaz para analisar as características do contexto no qual determinado cenário se encontra (Penate, 2018). Por esse motivo, procurámos adaptá-la, tendo em consideração o impacto que a pandemia pode ter sobre o sistema de educação e ensino nos países em desenvolvimento. A literatura disponível incide sobre diversos aspectos que se procuram enquadrar em ambientes internos (fortalezas e fraquezas) e os ambientes externos (ameaças e oportunidades) com o objectivo de facilitar a reflexão do impacto da pandemia sobre as actividades docente e pedagógica das comunidades afectadas e apreciar as estratégias implementadas para a sua contenção.

DISCUSSÃO

Fortalezas e como mantê-las

Bender (2020) considerou a protecção das crianças e das instituições de educação e saúde como sendo de extrema importância, sendo necessário tomar as devidas precauções para prevenir uma potencial propagação da COVID-19 nas escolas, devendo estas continuarem a ser um ambiente de acolhimento, respeito, inclusão e suporte para todos. Kapata *et al.* (2020), tendo em conta as lições tiradas dos esforços de saúde pública pan-africana e as implicações para o futuro, no combate de surtos epidémicos passados, procuraram responder a uma questão de pesquisa intrigante: “a África está preparada para enfrentar a epidemia da COVID-19 (SARS-CoV-2)?” A resposta foi de que a África, no presente momento, está mais bem preparada do que nos surtos epidémicos anteriores. A WHO (2020b) também garante que houve progressos substanciais desde 2014-16, aquando da epidemia do Ébola, tendo havido lições aprendidas para os surtos subsequentes, bem como investimentos significativos na vigilância epidemiológica e preparação dos técnicos de saúde. Assim, os países africanos têm estado em alerta máxima para detectar e isolar os casos importados da COVID-19. Deste modo, verifica-se uma resposta rápida à epidemia da COVID-19 nos sistemas de saúde pública de África, desde antes da detecção de qualquer caso no continente. Angola introduziu, desde Março de 2020, o despiste da COVID-19 nos

aeroportos e portos, implementando a quarentena domiciliar e institucional para os passageiros provenientes dos países já assolados pela pandemia.

Essas medidas enquadram-se no projecto mais amplo do controlo e prevenção de doenças. A África pode contar com instituições africanas e internacionais (Africa CDC, 2020), bem como, com uma rede europeia de pesquisa, treinamento e desenvolvimento de capacidades, como a *PANDORA-ID-NET* (PANDORA-ID NET, 2020). Kapata *et al.* (2020) fazem um relato exaustivo das várias redes existentes, como a ONEHEALTH, que funcionam de forma eficaz e equitativa em parceria com todas as regiões da África. Assim, nenhum país deve sentir-se isolado no combate a qualquer tipo de endemia. Os autores referem ainda que essa conjugação de esforços tem permitido a mitigação dos efeitos desastrosos da pandemia da COVID-19. Deste modo, tem sido possível tirar ensinamentos e garantir que se possa reflectir sobre a reabertura das escolas no período pós-pandemia. Por outro lado, especialmente nos países da África Subsaariana, isso ajuda os decisores políticos a minimizarem o fardo das desigualdades sociais. Não obstante os resultados encorajadores, Kapata *et al.* (2020) e Kock *et al.* (2020) ressaltam que a maior necessidade reside em assegurar a sustentabilidade a longo prazo do que já está a ser edificado. A África necessita de continuar a trajectória ascendente das actividades, de modo que haja alinhamento entre os recursos para a saúde pública, as experiências e competências científicas e o compromisso político para que qualquer surto futuro de doença infecciosa seja travado antes que se torne uma epidemia em África. Vários pesquisadores temem que o número de casos possa ser substancialmente maior se acções decisivas e as políticas de distanciamento não forem implementadas e aplicadas a todos os países. A maior prioridade será manter, o mais baixo possível, a taxa de população infectada em todos os países africanos, até que haja um tratamento eficaz ou uma vacina para imunizar a população. Assim, o sistema de educação poderá voltar à situação normal com um mínimo de constrangimentos que a pandemia impõe.

A estimativa de Maoujoud e Ahid (2020) reforça a previsão de que as mortes em África, nos próximos tempos, serão alarmantes, mas o cenário poderá ser pior se não houver uma atenção especial ao reforço do sistema de saúde e se as políticas de distanciamento social não forem rigorosamente implementadas em todas as regiões. No entanto, a África tem a oportunidade de baixar a curva da tendência da morbi-mortalidade por COVID-19.

No caso de Angola, a estabilidade da pandemia vai certamente encorajar a retomada do processo de ensino-aprendizagem. Para isso, são altamente necessárias a cooperação e a coordenação entre os países ao nível regional para aumentar as capacidades em áreas críticas. E, dada a natureza global do problema, deverá aceitar-se o apoio internacional, traduzido em suprimentos e equipamentos essenciais para os países de baixa e média renda (Maoujoud & Ahid, 2020). Além disso, é extremamente necessário implementar e adaptar as medidas bem-sucedidas no contexto local. Angola teve já vários surtos epidémicos, havendo a destacar, pelo número de mortes, o Marburg (2004–2005), a cólera (2006) e a febre amarela (2015–2016). Esses surtos levaram o Ministério da Saúde a capacitar as comunidades a fim de responderem localmente, tomando medidas adequadas e oportunas. O isolamento e o distanciamento social ao nível de todo o país só se verificou com a eclosão da COVID-19, à semelhança de outros países do mundo. Porém, as medidas tomadas por Angola têm sido consideradas atempadas e adequadas para a contenção da pandemia, mas foi levada a encarar um novo desafio para o qual não tem certamente igual experiência acumulada: o encerramento imprevisto das instituições de ensino.

O apoio que se tem dado ao controlo da COVID-19 é total, de modo que os riscos da fatalidade da doença já se enquadram dentro dos valores aceitáveis, havendo, portanto, necessidade de se reforçarem as medidas de sustentabilidade com enfoque para o sistema educativo.

Fraquezas e como as superar

As pandemias, como a COVID-19, acarretam constrangimentos enormes para todos os serviços de saúde e de educação, especialmente nos países de baixa renda, porque o acesso para a expansão dos serviços pode ser difícil (Carter, ThiLanAnh, & Notter, 2020). Por outro lado, havendo nesses países uma força de trabalho limitada, a perda de trabalhadores-chave para encarar a própria doença ou a necessidade de auto-isolamento, após o contacto, podem paralisar a prestação de serviços essenciais e, de igual modo, o sistema de ensino. Em muitos casos, há a necessidade de recorrer a outros países para uma resposta rápida e integrada para o controlo e prevenção de novos surtos.

Assim e de acordo com Carter, ThiLanAnh e Notter (2020), cuidar de pacientes com COVID-19 depende muito das habilidades e conhecimentos dos prestadores dos cuidados de saúde. Portanto, é necessário compartilhar intervenções de enfermagem que possam ser implementadas sem grandes implicações de recursos em todos os departamentos hospitalares. Esse controlo vai ter impacto na saúde da população em geral e da estudantil em particular, permitindo que o retorno às actividades académicas decorra sem sobressaltos.

O encerramento das escolas teve impactos diferentes nos vários países. Nos países em desenvolvimento, a situação da maior parte das famílias é considerada desfavorável. Ao passo que nos países desenvolvidos, quando as escolas encerram, os pais costumam a facilitar a aprendizagem em casa; isso não acontece nos países de baixa renda, nos quais os pais podem ter dificuldade em desempenhar esse papel. Isso se aplica especialmente aos pais de nível e recursos instrucionais limitados, pois, não possuem condições tecnológicas nem preparação para o ensino à distância ou em casa de acordo com as directivas da UNESCO (2020). Para a grande maioria dos intervenientes do processo de ensino-aprendizagem, o acesso insuficiente às tecnologias ou a uma boa conexão à internet é um obstáculo à continuidade da aprendizagem, especialmente para os estudantes de famílias desfavorecidas.

Deste modo, as fraquezas que a epidemia da COVID-19 poderá encontrar em África têm a ver com a debilidade relativa dos sistemas de saúde e de ensino. A maioria das populações da África Subsaariana ainda enfrenta altas taxas de analfabetismo e de fecundidade, pobreza e subdesenvolvimento que, de certo modo, dificultam a implementação das medidas e recomendações preconizadas pela OMS, consideradas essenciais para a contenção da epidemia tal como aconteceu com a do ébola, muito recentemente (WHO, 2020b).

O encerramento das escolas e instituições nos EUA e na Europa, de acordo com as pesquisas de Schwartz e Rothbart (2019), foi uma estratégia que teve efeitos negativos na população estudantil, que vive na pobreza, pois “as escolas não são apenas um lugar para aprender, mas também para comer saudavelmente”. Várias pesquisas mostram que a merenda escolar está associada às melhorias no desempenho académico, enquanto a insegurança alimentar está associada aos baixos níveis de escolaridade e riscos substanciais para a saúde física, mental e bem-estar das crianças (Bitler & Seifoddini, 2019). O número de crianças que

enfrenta a insegurança alimentar é substancial. Nos países desenvolvidos, entre 6% a 14% dos agregados familiares com crianças, em 2018, tinham insegurança alimentar. As taxas nos países em desenvolvimento poderão ser maiores, sendo uma fonte primária de desigualdades nos resultados educacionais.

O encerramento escolar actual implica que a aprendizagem seja continuada digitalmente (Bitler & Seifoddini, 2019). Esta medida leva à existência de diferenças de aprendizagem entre crianças de baixa e alta renda familiar. As crianças de famílias de baixa renda vivem em condições que dificultam a escolaridade em casa. Os ambientes de aprendizagem *online* requerem geralmente computadores e uma conexão de *internet* confiável. Segundo as pesquisas de Guio, Gordon, Marlier, Najera, & Pomati (2018), sobre a magnitude das carências da criança, ressaltaram que mesmo na Europa, 5% das crianças vivem em casas que não têm um local adequado para fazerem os deveres de casa. Quando se procura transpor essa situação para a realidade dos países em desenvolvimento, as crianças das famílias de baixa renda provavelmente terão dificuldades acrescidas para concluir trabalhos de casa ou cursos *online*, devido às situações precárias das suas moradias.

Os decisores de políticas, administradores escolares e outros funcionários devem enfrentar o desafio imediato de suprir as necessidades nutricionais e de aprendizagem dos alunos pobres. Há necessidade de assegurar e prevenir a disseminação da insegurança alimentar. Os professores também devem definir como adaptar os seus materiais de aprendizagem para alunos que não dispõem de acesso à *internet* sem fio, a um computador ou a um local para estudar.

As actividades extracurriculares na modalidade de ensino à distância são preconizadas para fins de aproveitamento dos estudos. Os docentes, discentes e técnicos administrativos em educação devem ser submetidos a cursos gratuitos de actualização e capacitação ou de aprofundamento *online* (Viner *et al.*, 2020).

No contexto angolano, houve enormes dificuldades de se dar continuidade às aulas, fazendo uso das tecnologias apropriadas. Por outro lado, a constatação de que o rendimento escolar das crianças estava directamente ligado às deficiências alimentares de muitas famílias, motivou, em certa altura, a necessidade de se implementar o projecto da “Merenda Escolar”

do Ministério da Educação, cujos resultados ainda não são de todo conhecidos. De qualquer modo, no tempo de pandemia, esse projecto deve ser reforçado, sobretudo quando as aulas forem retomadas. Por outro lado, dever-se-á assistir a melhores investimentos nas infraestruturas de telecomunicações e tecnologias de informação (T/TIC), fazendo parte das prioridades na fase pós-pandemia. A tele-educação poderá vir a ser um instrumento de capital importância para a manutenção da proximidade virtual entre os intervenientes do processo ensino-aprendizagem (Oliveira, 2020).

Ameaças e como minimizá-las

Quando se pretende analisar esta vertente da matriz SWOT, temos que ter em consideração que se trata, tal como a oportunidade, de situações externas ao sistema de educação, que podem atrapalhar o objectivo do ensino-aprendizagem. De qualquer maneira, elas têm uma chance de acontecer. Portanto, a actual crise de saúde pode tornar-se um risco social, que terá consequências duradouras para as crianças de baixa renda familiar (Cohen & Kupferschmidt, 2020). Para além disso, a epidemia em curso pode levar a uma grave recessão económica.

As recessões anteriores exacerbaram os níveis de pobreza infantil com duradouras consequências para a saúde das crianças, bem-estar e resultados de aprendizagem (Cantillon, Chzhen, Handa & Nolan, 2017). Numa perspectiva política, os legisladores devem apoiar de forma regular a renda para as famílias com crianças, durante a iminente crise económica para impedir um aprofundamento e ampliação da pobreza infantil. Antevendo a perda do poder de compra da população, está em curso a atribuição de uma mensalidade extra às comunidades mais desfavorecidas, em Angola, paralelamente ao que se faz noutros países africanos. Não se pode deixar de considerar, também, que a escassez de recursos em famílias numerosas pode levar ao aumento da violência doméstica, que se deve acautelar e monitorizar. Não se pode deixar de considerar a clivagem que pode existir entre a decisão de se retomarem as aulas e a desconfiança por parte dos agentes de educação de que as condições de biossegurança ainda não estejam suficientemente criadas. A prevenção é a chave para o controlo das ameaças.

Oportunidades e como aproveitá-las

As oportunidades, em todas as situações da vida, devem ser identificadas e tirar-se delas o maior proveito. De acordo com Van Lancker & Parolin (2020) a maioria dos países promoveu um encerramento pandémico das escolas, implementando medidas de distanciamento social para conter a propagação da infecção e minimizar o impacto do vírus. No entanto, o encerramento das escolas afectou a educação de 80% das crianças em todo o mundo. Os pesquisadores verificaram que, pelo facto de as escolas estarem fechadas, por um longo período de tempo, pode ter provocado consequências prejudiciais sociais e de saúde para as crianças que vivem na pobreza, exacerbando assim as desigualdades já existentes (Van Lancker & Parolin, 2020).

Nos países de baixa renda, a situação pode ser ainda mais grave, quando se tem em consideração os altos níveis de pobreza, analfabetismo, habitabilidade precária. Kapata *et al.* (2020) relataram que, durante a epidemia do ébola na África Ocidental entre 2014 e 2016, as estruturas sanitárias apresentavam debilidades para o controlo do surto, tendo-se verificado altas taxas de trabalho infantil, negligência, abuso sexual e gravidez na adolescência, registando-se também um número elevado de crianças que nunca mais voltou à escola. Por outro lado, muitas delas acabaram por sofrer com a falta de acesso à assistência social, fornecida pela escola, como almoços grátis ou água potável e lavabos. As pessoas, envolvidas em cuidados de saúde facilitados pela escola como vacinas e serviços de saúde mental, perderam a provisão da saúde vital (Human Rights Watch, 2020).

O encerramento das escolas foi considerado uma pandemia pela publicação *online* da *The Lancet*, cujo impacto na redução de morte por COVID-19 era discutível (Ferguson *et al.*, 2020) e os benefícios limitados, quanto à propagação do vírus (Viner, *et al.*, 2020). O encerramento das escolas e instituições de ensino devia ser feito, tendo em consideração contextos mais abrangentes, desde a perda de trabalhadores essenciais, as demandas da assistência à infância, restrições na aprendizagem, socialização e actividade física para os alunos e os elevados riscos para as crianças mais vulneráveis, inclusive as de baixa renda (Viner *et al.*, 2020).

Para os países desenvolvidos, a pandemia ofereceu uma oportunidade para os jovens desenvolverem e aprimorarem a sua determinação, adaptabilidade e apreciarem o valor da responsabilidade social e do auto-sacrifício pela protecção dos mais vulneráveis. Os jovens podem manifestar solidariedade para impulsionar a resposta à COVID-19 nas suas comunidades. No caso de Angola, as acções colectivas e individuais têm-se multiplicado em benefício das camadas vulneráveis em lares de terceira idade e orfanatos. Globalmente, as mulheres representam 70% das pessoas que estão a trabalhar na linha da frente no sector social e de saúde, como enfermeiras, parteiras, professoras, encarregadas de educação, empregadas de limpeza e lavadeiras. Isto implica à implementação de estratégias de mitigação, que visam, especificamente, os impactos sobre a saúde, a educação e a economia do surto da COVID-19 nas mulheres, apoiando e aumentando a sua resiliência.

Os países em desenvolvimento têm uma oportunidade soberana para formarem quadros de qualidade e financiar projectos de investigação científica de desenvolvimento tecnológico e de inovação com enfoque na transformação social e reflexo na qualidade de vida das populações. Existem programas pertinentes ao nível africano e mundial para a capacitação dos quadros, não só para o controlo da pandemia, mas também para as áreas a ela correlacionada, como a educação e o ensino. Nas tabelas 1 e 2, faz-se uma síntese dos aspectos mais relevantes da análise SWOT nos países em desenvolvimento.

Tabela 1: Síntese da análise SWOT dos factores internos

	Forças	Fraquezas
Factores Internos	<ul style="list-style-type: none"> • Experiências acumuladas com os surtos epidémicos anteriores. • Existência de Normas educativas nacionais e internacionais para enfrentar as situações de pandemia. • Investimentos significativos na vigilância epidemiológica. • Melhor preparação dos técnicos para as respostas rápidas à pandemia nos sistemas de saúde africanos. • Solidariedade das instituições africanas e internacionais para a pesquisa, treinamento e desenvolvimento de capacidades para o controlo da pandemia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Constrangimentos no sistema de saúde e educação. • Encerramento das instituições de ensino. • Exacerbação das desigualdades sociais. • Dificuldade na implementação das directivas da UNESCO e da OMS. • Altas taxas de analfabetismo e fecundidade. • Habitabilidade precária. • Pobreza e subdesenvolvimento.

Fonte: Elaborado pelos autores

Tabela 2: Síntese da análise SWOT dos factores externos

Factores Externos	Oportunidades	Ameaças
	<ul style="list-style-type: none"> • Formação de quadros de qualidade. • Melhoria da qualidade das instituições de ensino, reforçando o investimento nas telecomunicações e tecnologias de informação. • Solidariedade para com as camadas mais vulneráveis. • Implementação de estratégias de mitigação do impacto da pandemia sobre as mulheres e crianças. • Financiamento de projectos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico. • Reflexão sobre o intrincado ciclo da pobreza das populações em termos da habitabilidade, saneamento básico e escolaridade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desconfiança de que as condições de biossegurança não estejam suficientemente criadas para o retorno às aulas. • Dificuldade de adaptação dos professores e alunos em situações de pandemia. • A precaridade das instituições de ensino. • Possível abandono escolar da população estudantil. • A eventualidade de recessão económica e consequente aumento dos níveis de pobreza. • Escassos recursos das famílias numerosas e a possibilidade do aumento da violência doméstica.

Fonte: Elaborado pelos autores

CONCLUSÕES

A pesquisa bibliográfica efectuada permitiu que se fizessem algumas reflexões relevantes sobre o impacto que a pandemia pode ter sobre a saúde e educação nos países em desenvolvimento. Pareceu-nos que a ocorrência dum surto de tamanha dimensão mundial como a COVID-19, pode ter alertado aos decisores das políticas da educação e da saúde para a gravidade da situação. Assim, as medidas, universalmente aceites (distanciamento social e encerramento das escolas, entre outras) para mitigar os efeitos negativos da pandemia, exigem esforços adicionais para a sua completa implementação, quer na educação, quer na saúde. Os factores de estrangulamento, ainda existentes nos países em desenvolvimento, como o analfabetismo, a pobreza, a falta de água potável, a habitabilidade precária, a elevada fecundidade e o saneamento básico inadequado devem ser considerados permanentemente. Deste modo, garantir-se-á uma protecção eficaz das crianças e das instituições de ensino. Porém, o encerramento das escolas deveria ter sido feito gradualmente, com predominância, onde houvesse maior incidência de casos.

Finalmente, estamos convencidos de que tanto as sociedades civis como os decisores dos Ministérios da Educação e do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação de Angola

terão de repensar nos modelos de ensino-aprendizagem e gestão, antecipando a criação de condições e investindo em novas tecnologias, suportadas em redes de banda larga. A tele-educação poderá ser um instrumento de eleição para os cenários de pandemia e de descontinuidade geográfica; permitirá também abafar os efeitos negativos do surto, de modo a que se retome o curso de crescimento normal.

REFERÊNCIAS

- Africa CDC. (2020). *Our mission*. Disponível em <https://africacdc.org/about-us/our-mission>. Acessado em 10 de Abril de 2020.
- Agarwal, R.; Grassl, W. & Pahl, J. (2012). Meta-SWOT: introducing a new strategic planning tool. *Journal of Business Strategy*, v33 n. 2 pp. 12-21
- Bender, L. (2020). *Mensagens e ações importantes para a COVID-19 Prevenção e controle em escolas*. Disponível em https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51955/OPASBRACOV1920015_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acessado em 12 de Abril de 2020.
- Bernard Stoecklin, S., Rolland, P., Silue, Y., Mailles, A., Campese, C., Simondon, A. (2020). First cases of coronavirus disease 2019 (COVID-19) in France: Surveillance, investigations and control measures, January 2020. *Eurosurveillance*, 25(6).
- Bitler, M. P., & Seifoddini, A. (2019). Health impacts of food assistance: Evidence from the United States. *Annual Review of Resource Economics*, 11(1), 261–287.
- Brooks, G.; Heffner, A. & Henderson, D. (2014). A SWOT Analysis Of Competitive Knowledge From Social Media For A Small Start-Up Business *Review of Business Information System*, v18, n1.
- Cantillon, B., Chzhen, Y., Handa, S., & Nolan, B. (2017). *Children of austerity. Impact of the great recession on child poverty in rich countries*. Disponível em https://www.unicefirc.org/publications/pdf/Children_of_austerity.pdf. Acessado em 14 de Abril de 2020.
- Carter, C., ThiLanAnh, N., & Notter, J. (2020). COVID-19 Disease: Perspectives in low and middle-income countries. *Clinics in Integrated Care*, 1(2), 1-9.
- Cascella, M., Rajnik, M., Cuomo, A., Dulebohn, S. C., & Di Napoli, R. (2020). *Features, Evaluation and Treatment Coronavirus (COVID-19)*. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK554776/>. Acessado em 16 de Abril de 2020.
- Center for Systems Science and Engineering. (2020). *COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU)*. Disponível em

<https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acessado em 14 de Abril de 2020.

Chen, J. (2020). Pathogenicity and transmissibility of 2019-nCoV-A quick overview and comparison with other emerging viruses. *Microbes and Infection*, 22(2), 69–71.

Cohen, J., & Kupferschmidt, K. (2020). Countries test tactics in ‘war’ against COVID-19. *Science*, 367(6484), 1287–88.

Decreto Presidencial n.º 97/20 de 9 Abril. (2020). *Prorroga o Estado de Emergência por um período de 15 dias. Diário da República, I Série, N.º 46, 2468-2475.*

Decreto Presidencial n.º 81/20 de 25 de Março. *Declara o Estado de Emergência. Diário da República, I Série, N.º 35, 2290-2292.*

Ferguson, N., Laydon, D., Nedjati Gilani, G., Imai, N., Ainslie, K., Baguelin, M., Ghani, A. (2020). *Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID19 mortality and healthcare demand.* Imperial College London .

Gilbert, M., Pullano, G., Pinotti, F., Valdano, E., Poletto, C., Boëlle, P., Colizza, V. (2020). Preparedness and vulnerability of African countries against importations of COVID-19: A modelling study. *The Lancet*, 395(10227), 871–77.

Guio, A. C., Gordon, D., Marlier, E., Najera, H., & Pomati, M. (2018). Towards an EU measure of child deprivation. *Child Indicators Research*, 11(3), 835–860.

Harrison, Jeffrey P. (2010). *Essentials of Strategic Planning in Healthcare.* Health Administration Press.

Human Rights Watch. (2020). *COVID-19 and Children’s Rights.* Disponível em <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/COVID-19%20and%20Children%E2%80%99s%20Rights.pdf>. Acessado em 12 de Abril de 2020.

Kapata, N., Ihekweazu, C., Ntoumi, F., Raji, T., Chanda-Kapata, P., Mwaba, P., Zumla, A. (2020). Is Africa prepared for tackling the COVID-19 (SARS-CoV-2) epidemic. Lessons from past outbreaks, ongoing pan-African public health efforts, and implications for the future. *International Journal of Infectious Diseases*, 93, 233–236.

Karppi, I.; Kokkonen, M. & Lähteenmäki-Smith, K. (2001). SWOT-analysis as a basis for regional strategies. Suécia: Nordregio - the Nordic Centre for Spatial Development. Disponível em: www.nordregio.se. acessado em 23 de Junho de 2020.

Kock, R. A., Karesh, W. B., Veas, F., Velavan, T. P., Simons, D., Mboera, L. G., Zumla, A. (2020). 2019-nCoV in context: Lessons learned? *Lancet Planetary Health*, 4(3), e87-e88.

- Lin, M., Beliaevsky, A., Katz, K., Powis, J. E., Ng, W., & Williams, V. (2020). What can early Canadian experience screening for COVID-19 teach us about how to prepare for a pandemic? *Canadian Medical Association Journal*, 192(12), E314–E318.
- Maoujoud, O., & Ahid, S. (no prelo). The COVID-19 pandemic in Africa: What can we expect? *Value in Health Regional Issues*.
- Ministério do Ensino Superior Ciência e Tecnologia e Inovação. (2020). Decreto Executivo n.º 2/20 de 19 de Março.
- Nguengwe, J. L. (2018). *Desigualdades sociais e insucesso escolar: o caso de alunos de uma escola do ensino secundário na Humpata - Huíla Angola* (Dissertação de Mestrado). ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Oliveira, M. (2020, Abril 11). O impacto da COVID-19 na perspectiva digital. *Jornal de Angola*, p. 13.
- PANDORA-ID NET. (2020). *PANDORA-ID-NET: Pan-African Network for rapid research and response and preparedness for infectious diseases epidemics*. Disponível em: <https://www.pandora-id.net/>. Acessado em 13 de Abril de 2020.
- Peeri, N. C., Shrestha, N., Rahman, M. S., Zaki, R., Tan, Z., & Haque, U. (2020). The SARS, MERS and novel coronavirus (COVID-19) epidemics, the newest and biggest global health threats: What lessons have we learned? *International Journal of Epidemiology*, 0(0), 1-10.
- Petenate, M. (2018). *Análise SWOT: significado, como fazer e exemplos práticos*. Disponível em <https://www.escolaedti.com.br/analise-swot>. Acessado em 14 de Abril de 2020.
- Pickton, D. W. & Sheila Wright. (1998). *Strategic Change Strat. What's swot in strategic analysis?*
- Sammut-Bonnici, T. & Galea, D. (2014). Wiley Encyclopedia of Management. SWOT Analysis. *Strategic Management*, v. 12.
- Schwartz, A. E., & Rothbart, M. W. (2019). Let them eat lunch: The impact of universal free meals on student performance. *Journal of Policy Analysis and Management*. 39(2), 376-410.
- The Lancet Child & Adolescent Health. (2020). Pandemic school closures: risks and opportunities. *The Lancet Child & Adolescent Health*. 4(5), 341.
- UNESCO. (2020). *Universities tackle the impact of COVID-19 on disadvantaged students*. Disponível em <https://en.unesco.org/news/universities-tackle-impact-COVID-19-disadvantaged-students>. Acessado em 12 de Abril de 2020.
- Van Lancker, W., & Parolin, Z. (2020). COVID-19, school closures, and child poverty: A social crisis in the making. *The Lancet Public Health*. 5(5), e243-e244.
-

- Viner, R. M., Russell, S. J., Croker, H., Packer, J., Ward, J., C., Booy, R. (2020). Closure and management practices during coronavirus outbreaks including COVID-19: a rapid systematic review. *The Lancet Child & Adolescent Health*. 4(5), 397-404.
- Wang, Y., Chen, Y., & Qin, Q. (2020). Unique epidemiological and clinical features of the emerging 2019 novel coronavirus pneumonia (COVID-19) implicate special control measures. *Journal of Medical Virology*. 92(6), 568-576.
- WHO. (2020a). *Coronavirus disease (COVID-19) outbreak*. Disponível em <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acessado em 12 de Abril de 2020.
- WHO. (2020b). *Ebola outbreak 2014-2016*. Disponível em <https://www.who.int/csr/disease/ebola/en/>. Acessado em 12 de Abril de 2020.
- World Bank. (2020). *World Development Report 2020: Trading for development in the age of global value chains*. Washington, DC: World Bank Group.
- Yu, F., Du, L., Ojcius, D. M., Pan, C., & Jiang, S. (2020). Measures for diagnosing and treating infections by a novel coronavirus responsible for a pneumonia outbreak originating in Wuhan, China. *Microbes and Infection*, 22(2), 74–79.

*Recebido em 29 de Abril de 2020
Aceite em 18 de Junho de 2020
Publicado em 20 de Julho de 2020*



Este artigo está licenciado sob a licença: [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista angolana de extensão universitária.